



**A CENA CAMINHANTE**  
**Uma etnografia dos corpos brincantes nos cortejos festivos.**

**THE WALKER SCENE**  
**Ethnography of joking bodies in the festive corteges.**

Danielle de Jesus de Souza Fonsêca<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente texto aborda questões relacionadas à Festa de São Marçal ou Encontro de Bois do João Paulo, como também é conhecida a festa que acontece anualmente no dia 30 de junho, no bairro do João Paulo, em São Luís – MA. Neste contexto, a partir de um enfoque interdisciplinar a festa, a cena e os brincantes são elementos importantes para o entendimento das diversas formas de interação, produção simbólica e estética praticadas em São Marçal.

**Palavras-chave:** caminhada, festa de São Marçal, performance

**Resumen**

Este artículo trata de las cuestiones relacionadas con la Fiesta de São Marçal o Encontro de Bois de João Paulo (El festival de Bueyes), conocido también como el festival que ocurre todos los años en el día 30 de junio, en el barrio de João Paulo, en São Luís – MA. En este contexto, con un enfoque interdisciplinar, la fiesta, la escena y los brincantes son elementos importantes para la comprensión de diversas formas de interacción, producción simbólica y estética practicada en São Marçal.

**Palabras claves:** caminata, fiesta de São Marçal, performance

**Abstract**

The present paper approaches matters related to Saint Martial's Festivity or *Encontro de Bois do João Paulo*, as is also known the celebration that happens annually on June 30th, in the neighbourhood of João Paulo, São Luís – MA. In this context, from an interdisciplinary approach the party, the scene and the celebrants are important for the understanding of the various forms of interaction, symbolic production and aesthetics practiced in São Marçal.

**Keywords:** feast of São Marçal, performance, walk

Este artigo incursiona a respeito do corpo festivo e das possibilidades de existência que o brincante experimenta no decorrer da festa de São Marçal, em São Luís – MA. Falar em existência sinaliza para uma compreensão de presença muito particular, que pode ser entendida como somas, resultados ou costuras de múltiplos fatores. Neste caso, podemos destacar algumas

---

<sup>1</sup> Mestra em Arte pela Universidade de Brasília. Graduada em Educação Artística, hab. Artes Cênicas pela Universidade Federal do Maranhão. Professora de Arte da rede de ensino do estado do Maranhão. Pesquisadora e performer. E-mail: daniellejfonseca@yahoo.com.br.

características da festa que evidenciam seus aspectos singulares, a saber: a primeira delas se refere a sua formatação espacial realizada em forma de cortejo; as práticas do catolicismo popular, visto que se festeja um santo não oficializado pela Igreja Católica; o bairro do João Paulo como espaço de festa, luta e resistência dos brincantes de bumba meu boi<sup>2</sup> do sotaque de Matraca. Essas três questões são os eixos norteadores da reflexão que se pretende realizar neste texto, sobretudo como o corpo, como elemento investigado nesse processo, mobiliza e se coloca como elo que conecta esse tripé. Dessa maneira, os citados desdobramentos apontam para o entendimento dos discursos e ações sobre o corpo em situações festivas contemporâneas.

A festa de São Marçal é tudo isso e mais um pouco. De tão ricas possibilidades simbólicas considera-se a festa de São Marçal como um tipo de celebração que, dada a potencialidade expressiva das vivências festivas, parece não caber em uma única data. A festa cria a percepção de uma temporalidade – que se localiza também no espaço – ampliada devido à profusão imagética e performática gerada em São Marçal. É nessa polissemia festiva, simbólica e, ao mesmo tempo, bastante singular de comemoração do Encontro de Bois que os sujeitos escrevem suas narrativas e repertórios vividos na avenida, exprimindo os modos de viver do grupo social envolvido.

Há muitas camadas – cheias de fissuras e densidades – na festa. Algumas camadas são acionadas antes do seu começo, outras vão sendo construídas no decorrer da caminhada – nas pausas do andar – e ainda há aquelas que são compostas pós-festa. Camadas essas que necessitam serem tocadas, movidas e discutidas para o conhecimento das texturas que a compõe. Seguindo um trajeto analítico que privilegie o entendimento dos processos composicionais da festa, as próximas linhas buscam apresentar o Encontro dos Bois a partir de suas dinâmicas celebrativas da alteridade, recheadas de identidades fluídas que foram sendo gestadas dentro de um processo de ampla resistência por parte de quem brinca.

É importante destacar que a escrita deste texto foi pensada numa estrutura que possibilitasse ao leitor acompanhar a dinâmica movente e bem singular característica da festa, já lhes reservamos o direito de ser um caminhante nesse estudo, por isso o modo como o texto foi organizado indica os modos de configuração espacial, os tempos praticados e as cenas produzidas em São Marçal.

---

<sup>2</sup> Na capital maranhense, a manifestação cultural Bumba meu boi é conhecida por algumas denominações, mas na presente pesquisa utilizarei os termos: Bumba meu boi, Bumba boi, Boi e brincadeira em concordância com as pessoas integrantes do universo pesquisado que utilizam essas expressões para nomear o que fazem.

A idéia é construir uma forma poética para a compreensão de uma experiência etnográfica como ação investigativa, inclusive no que diz respeito à inserção das impressões e afetações sentidas no corpo do pesquisador no campo. Isto sinaliza para uma postura que vai além do exercício de anotações do que foi observado, chamando o corpo para assumir uma fala, um movimento, descrevendo o que foi sentido e vivido no momento da imersão festiva. A escrita, neste texto, é encarada como processo de muitas idas e vindas, ao se colocar como exercício de inclusão desse corpo e de todas as suas movimentações possíveis, ou melhor, deslocamentos que foram realizados num tempo, espaço e metodologia específicos.

### **Sobre o bumba meu boi do Maranhão: fé, festa e corpos em cena**

Antes de comentar mais detalhadamente sobre a festa de São Marçal é importante levar em consideração os principais fazedores da festa e que dão sentido a ela, que são os grupos dos Bois de Matraca e seus brincantes. O momento festivo expõe as visualidades, diversidades estilísticas e sonoridades características dos grupos, bem como atualizações e práticas que são reinventadas no decorrer da festa. É relevante comentar que as reinvenções produzidas pelos Bois perpassam todo o universo da brincadeira, não se localizando apenas na festa de São Marçal.

O Bumba meu boi é uma manifestação bastante esperada no período junino no Maranhão<sup>3</sup> e recebe esse nome genérico por conter, como elemento principal, um boi. Como produção material e de significados, a brincadeira elabora formas diversas de celebração, criando particularidades e adequações de acordo com o seu lugar de ocorrência.

Devido à diversidade cultural maranhense, o Boi não podia se manter alheio às mudanças e renovações decorrentes das trocas geradas pelo diálogo intercultural. Como a brincadeira acontece em muitas cidades maranhenses, cada grupo se constituiu de acordo com as condições sociais, culturais e econômicas de sua localidade, gerando modos de produção e difusão bem específicos, os quais resultam na diversidade dos modos de se fazer o Boi no estado.

---

<sup>3</sup> O Boi é brincado nos seguintes Estados brasileiros onde é conhecido por diferentes nomes: Pará e Amazonas, Boi bumbá; Maranhão e Pernambuco, Bumba meu boi; Pernambuco, Cavalinho marinho; Rio Grande do Norte, Boi calemba; Espírito Santo, Boi de reis; Ceará, Boi de reis, Boi surubim ou Boi zumbi; Minas Gerais, folguedo do Boi; Bahia, Boi janeiro ou Boi estrela do mar.

É relevante dizer que será abordado algumas características relativas ao universo múltiplo do sotaque de matraca<sup>4</sup>. O exposto aqui é apenas um olhar específico diante da complexidade e simbolismos que é o Bumba boi maranhense. Tal postura, busca estabelecer as possibilidades de compreensão acerca da manifestação e dos seus elementos cênicos, assim como da sua relação com a contemporaneidade e com a festa de São Marçal.

O sotaque de matraca – ou da Ilha – é proveniente da região metropolitana de São Luís (São Luis, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar). A maioria dos grupos deste sotaque é proveniente dos bairros periféricos e contém forte presença de brincantes afro-maranhense. O som lembra características da musicalidade indígena, com marcações lentas. Distingue-se dos demais sotaques pelos pandeirões, tocados posicionados em cima do ombro; e as matracas, dois pedaços de madeira que são batidos entre si. O bailado dos brincantes é mais lento, mas com um ritmo muito marcado. Os brincantes dançam em volta do boi, do amo, dos vaqueiros e da mãe Catirina e pai Francisco. Outros personagens característicos deste sotaque são: cabloco de pena, índia, burrinha, cabloco de fita.



Imagem 01: Índias na Festa de São Marçal.  
Fonte: Danielle Fonsêca. São Luis, junho de 2015.

---

<sup>4</sup> Outros sotaques conhecidos são os de Zabumba, Costa-de-mão, Baixada e de Orquestra.

O Boi do sotaque de matraca é uma manifestação realizada principalmente por pessoas que, em sua maioria, residem na região rural ou na parte periférica da Ilha de São Luís. No contexto social da brincadeira, o perfil dos brincantes é composto por pessoas de origem simples, as quais, quase sempre, trabalham em condições informais de trabalho, como feirantes; ou, em outros casos, desempenham funções que exigem muito esforço físico, como a profissão de pedreiro. Apesar de o cotidiano dessas pessoas exigir seções diárias de energia e força para execução de suas atividades, a disponibilidade do brincante para se dedicar ao Boi ultrapassa qualquer impedimento que o impossibilite de brincar, revelando como a vivência de seu contexto social múltiplo potencializa o corpo no próprio fazer cotidiano e da brincadeira.

Utilizamos o termo festa no sentido de um construto histórico, fruto das dinâmicas coletivas e de individuais, bem como as múltiplas formas de interações e os repertórios presentes em uma única festa. Este texto caminha no sentido contrário na compreensão das festas como situações nas quais prevalecem a harmonia e a anulação das diferenças. Esse viés analítico não permite entender a festa como um espaço homogêneo, convertendo o ambiente festivo como uma boa oportunidade para observar o funcionamento de diversos interesses em questão.

Para embasar a discussão teórica, Zeca Ligiéro nos ajuda a refletir acerca do conceito de matrizes culturais, tão importante ao presente estudo, visto que tal categoria é uma referência para se pensar no modo com as manifestações performáticas estudadas se comportam dentro de uma dinâmica cultural permeada por trocas, negociações, rupturas, permanências e incorporações de novos elementos. Neste contexto, o uso da idéia de matrizes coloca a condição movente como qualidade inerente destas manifestações na contemporaneidade.

Ao assumir no estudo esta concepção, estamos pensando no seu emprego no sentido de gerar, produzir movimentação, encontros e outras ações que envolvem diálogos e criações a partir dessas possibilidades. É importante destacar, que o termo matriz cultural, presente em muitos escritos sobre questões culturais, se coloca, a partir do que menciona Ligiéro (2011, 01) da seguinte forma:

Embora largamente empregado por estudiosos do campo, a definição de matriz cultural, válida para muitas áreas e contextos, tem se mostrado insuficiente para conceituar a complexidade dos processos efêmeros e transitórios das práticas performativas ou performances culturais.

No trecho destacado é possível compreender a limitação que o uso do termo matriz pode trazer para o entendimento dos modos como as manifestações se organizam e se revelam na

sociedade. Seu uso traz a idéia de um centro gerador, um ponto onde tudo se inicia. Entretanto, como trilhar um caminho que traz apenas ecos, rastros de sua existência e que não guarda o início de modo cristalizado e intacto dado a dinamicidade cultural destes fenômenos?

Como se observa o que nos resta, neste contexto, é mapear os indícios e pistas existentes a partir das ações localizadas no tempo, espaço e nos corpos. Por isso, o termo motriz sugere a tentativa de se criar uma fala, escuta e movimento que favoreça a discussão dos saberes que foram silenciados historicamente pelo poder hegemônico. Assim como, nos interessa saber a respeito das formas encontradas pelos corpos estigmatizados como foco de resistência e luta para habitar o território cultural e afetivo de São Marçal.

Outra idéia que se pretende seguir é a compreensão da festa de São Marçal por meio de um olhar que privilegia o emprego da figura da encruzilhada, imagem que pegamos emprestada de Leda Martins, pois “oferece-nos a possibilidade de interpenetração do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e trans culturais, nos quais se confrontam e entrecruzam, nem sempre amistosamente” (2002, p. 73). Desse modo, enxergamos a encruzilhada como uma categoria que permite pensar os pontos de encontro, as contradições e os diálogos existentes nas diversas práticas culturais, impulsionando ações, falas, agenciamentos e, no caso do presente estudo, as performances produzidas no momento festivo. Há muitas encruzilhadas na Avenida São Marçal<sup>5</sup> que dão acessos a diversas trilhas de entendimento sobre os atravessamentos produzidos no dia 30 de junho.

**Encontro dos Bois e suas variantes históricas em trânsito:** caminhos, trilhas e percursos da festa.

Primeiro Passo. A festa de São Marçal ou Encontro de Bois é uma celebração que reúne milhares de pessoas no bairro do João Paulo, no dia 30 de junho<sup>6</sup>. Anteriormente, já salientamos que a festa é reservada para o desfile dos grupos de Bumba meu boi do sotaque de Matraca. Ainda assim, essa especificação a respeito dos envolvidos é de suma relevância, porque são eles que dinamizam e reelaboram a festa, levados por motivações variadas para sua presença no Encontro de Bois.

---

<sup>5</sup> A prefeitura de São Luís por meio de um projeto, alterou o nome da Avenida João Pessoa, local da confraternização, para Avenida São Marçal.

<sup>6</sup> O encontro se inicia nas primeiras horas do dia e o seu final ocorre somente quando o último grupo de Bumba boi encerra sua participação, o que acontece por volta das 22h.

O Encontro dos Bois ou Festa de São Marçal acontece a mais de oito décadas no bairro do João Paulo, bairro considerado periférico de São Luís. Uma pausa na caminhada. Ambas as citadas denominações foram construções realizadas em momentos distintos e que foram incorporadas ao longo de décadas de existência da festa. A primeira nomeação se relaciona à idéia de um encontro com grupos de bumba meu boi no bairro, que depois ficou conhecido como Encontro dos Bois. Com o passar do tempo, o título de festa de São Marçal, que antes não tinha, foi anexado ao Encontro dos Bois por conta da data coincidir com o dia de São Marçal, dia 30 de junho.

Essas duas situações indicam as dimensões discursivas e motivacionais presentes no histórico da festa e que serão abordadas mais a frente da caminhada. Atualmente os dois termos são compreendidos como equivalentes, no sentido de designar uma festividade bastante conhecida no calendário cultural da cidade. Entretanto, há uma prevalência, por parte dos que participam do evento, do uso do termo festa de São Marçal para nomear a festividade. Tal fato pode ser explicado devido à grande mídia divulgar e noticiar a celebração como festa de São Marçal.

Seguindo o caminho. O histórico da festa é carregado de situações conflitantes, intensas e tensas que são costuras feitas por múltiplas ações de seus sujeitos, que fazem da festa um acontecimento. Como todo evento, a festa de São Marçal possui um ritual complexo e estruturado por fluxos de acontecimentos únicos, fruto de memórias coletivas e individuais que a cada ano são atualizadas com novas memórias que caminham na festa.

Ao conhecer um pouco da história do Encontro dos Bois, constatamos que sua trajetória, ao longo dessas oito décadas de existência, criou diversos caminhos, paradas, sentidos e trilhas simbólicas. A dinamicidade festiva atesta que, de um modo em geral, as festas são passíveis de modificações, suspensões e permanências; e que até o próprio ato de não celebrar indica os processos de ressignificação a que estão sujeitas. Sendo assim, a festa de São Marçal não ficaria de longe desse processo de rupturas e de continuidades. Nos anos que se seguiram a festa foi tomando corpo, assumindo formatos variados que agregaram ao seu histórico um contexto multifacetado, composto de inúmeras narrativas acumuladas, criando assim, novas formas festivas.

Duas formas de atravessar o histórico da festa. Duas versões se destacam ao relatar as comemorações iniciais<sup>7</sup>. Recorreremos a elas neste momento para conhecer e, sobretudo, analisar o discurso contido em cada narrativa festiva. Atentando-nos a cada detalhe, no intuito de compreender, para além do contexto festivo, como se organizou a dinâmica cultural, social e econômica na qual o Bumba boi se insere e o que resulta dessa relação pautada na tensão, no controle e na negociação que fazem do João Paulo, segundo a antropóloga Mary Albernaz “um marco no espaço da cidade para a circulação dos grupos de boi” (2002, p. 42).

De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Paulo de Tasso Martins, a primeira versão relata que o pedreiro José Pacífico de Moraes, popularmente conhecido por Bicas, ao visitar um arraial situado no bairro do Anil, ficou tão encantado ao ver a apresentação de grupos de Bois que decidiu convidá-los para dançar no ano de 1928 no bairro do João Paulo. A iniciativa que a princípio atraiu o pedreiro que passava pelo Anil vendo os grupos de bumba boi, na verdade dava impulso a algo que, mais tarde, se tornaria uma das festas mais representativa do período junino de São Luís.

No entanto, a outra variante aponta que o início do Encontro de Bois<sup>8</sup> foi fruto das proibições e medidas repressivas que culminaram na instituição de limites territoriais e simbólicos, estabelecidas desde a primeira metade do século XIX, período de muita censura e interdição que o Boi de matraca sofreu ao longo de muitas décadas, caracterizado pelo processo de regulamentação do Boi a partir de leis, licenças, portarias e códigos<sup>9</sup> que autorizavam apenas a prática boieira<sup>10</sup> longe do Centro da cidade. Neste caso, o João Paulo “se constituía como o único arraial longe do mundo rural e próximo das zonas urbanas” (BARROS, 2007, p. 145). Desse modo, compreende-se que o bairro incorporava, na época, o sentido de desafiar os limites espaciais e simbólicos ao se apresentar como zona de fronteira.

<sup>7</sup> Outro relato, pouco difundido, para o começo das apresentações seria que o evento teria sido um pretexto para prolongar a temporada junina, no Maranhão se encerra no dia de São Pedro, dia 29 de junho.

<sup>8</sup> Com base nas leituras acerca dos períodos de proibição, controle e restrição dirigidos ao Boi, a presente pesquisa considera os estudos que sinalizam esse contexto de resistência, como sendo o motivador da existência das práticas de se brincar Boi no bairro do João Paulo.

<sup>9</sup> A título de exemplo, mencionamos a promulgação da Lei nº 775, de 04 de julho de 1866, que instituiu o Código de Posturas. Dentre os dispositivos criados, um em especial faz referência direta ao Bumba meu boi. O artigo 124, que “proibia a realização de batuques fora dos lugares permitidos pelas autoridades competentes” (VIEIRA FILHO apud FERRETTI, 2007). Apesar de não fazer menção às localidades supostamente permitidas, o texto alude às periferias e localidades rurais como espaços toleráveis às apresentações dos Bois, por não fazerem parte do perímetro urbano de São Luís.

<sup>10</sup> Boieiro é a denominação que se dá tanto a quem integra o grupo de boi, como para os que acompanham a brincadeira (ALBERNAZ, 2002, p. 49).



Percorrendo os caminhos apontados pelos escritos acerca do encontro, essas são as duas versões mais conhecidas quando se estuda o início da festa do Boi no bairro do João Paulo. Onde podemos evidenciar, de um lado, a vontade expressa por um desejo espontâneo, fruto da mobilização de um morador em fazer um arraial diferenciado no bairro. Por outro, o início do Encontro de Bois como fruto das proibições estabelecidas desde a primeira metade do século XIX. Diante de tais narrativas, que expressam posicionamentos diferentes e contrários a respeito da festa e para responder a esse conjunto de questões mais específicas acerca da motivação inicial, faz sentido partir do entendimento do contexto histórico do século XIX e XX, sobretudo os processos de silenciamento, perseguição e hostilidade sofridos pelo Bumba boi, como caminhos que indicam, com mais clareza, pistas ou rastros dos elementos constitutivos para o início da festa.

A partir do contexto acima delineado, podemos afirmar que a história da festa no João Paulo se confunde com a própria história dos Bois de matraca. Desse modo, podemos constatar que “a festa tem uma dupla importância: ressaltar a história da resistência dos realizadores do folguedo às perseguições policiais, e, atualizar os símbolos internos do ciclo do bumba boi” (ALBERNAZ, 2002, p. 53).

Destaca-se que participar da festa é a maior demonstração de respeito e compromisso pelo local que acolheu a brincadeira em tempos difíceis para o Boi. No Encontro de Bois, aspectos relacionados às produções artísticas e simbólicas merecem destaque ao evidenciarem os tipos e meios de contatos, caminhadas, visualidades, acolhidas, conflitos, saberes, corpos, jogos, negociações e encontros que trilham o território festivo e boieiro.

Com o passar do tempo, mais precisamente na década de 80, a inclusão de São Marçal como padroeiro atribuiu à festa o caráter de celebração religiosa de forma não tão acentuada. Cabe destacar que, a respeito dessa inserção pouca coisa se sabe, o que acaba por sinalizar uma parte do caminho, que ainda não se tem acesso, não neste momento. Por enquanto, podemos considerar a mudança na dinâmica geral da festa e a geração de novas expressões de vida que ali se manifestam por conta da figura de São Marçal. No qual os brincantes se voltam para agradecer ou pagar promessas<sup>11</sup>, sendo essa uma das formas encontradas pelos brincantes/devotos para homenageá-lo no dia da festa (MARTINS, 2007).

---

<sup>11</sup> Outros santos também recebem homenagens e são recebidos com festa no mês de junho como é o caso de Santo Antônio, celebrado no dia 13; São João, no dia 24 e São Pedro, comemorado no dia 29.

Um aspecto importante da festa e da devoção a São Marçal é composto de situações que ultrapassam as formas habituais de adoração e que necessita de um olhar mais atento, devido a uma situação curiosa e, por vezes, conflitante, diz respeito ao fato de São Marçal, apesar do nome, não ser considerado santo, posição bem diferente dos demais santos juninos citados, como Santo Antônio, São João e São Pedro.

Isso evidencia a potência singular que liga a figura de São Marçal com as práticas brincantes, pois subverte por completo qualquer tipo de oficialização ou pressupostos canônicos seguidos pela Igreja Católica para atribuir santidade a alguém. Por conseguinte, a menção de São Marçal como santo respeita a vontade dos brincantes em reverenciá-lo como divindade protetora escolhida.



Imagem 02: Escultura de São Marçal, criada pelo artista plástico Eduardo Soeiro.  
Fonte: Danielle Fonsêca. São Luis, junho de 2014.

Esse envolvimento dos brincantes com São Marçal produz, com mais potência, no dia da festa, uma presença que é a soma das práticas e representações religiosas de outras ambiências, sobretudo o catolicismo popular, que encontra, na imagem do santo canonizado pelos brincantes, um modelo devocional muito forte dentro da tradição do Bumba meu boi. A prática da brincadeira no estado expõe, em primeiro plano, que festa e religião são dimensões indissociáveis na estrutura simbólica do Boi. Tais posturas serão comentadas com mais detalhes nas próximas linhas, de forma a explicitar os modos de criação que os brincantes realizam tomando como referência sua devoção e participação na Festa de São Marçal. Por fim,

apresentamos uma descrição espacial da paisagem que transforma a avenida e que acaba por converter o ato de caminhar em um percurso poético por excelência.

### **A cena dos corpos brincantes:** atravessamentos e caminhada festiva

A proposta é analisar, a partir dos dados etnográficos<sup>12</sup>, de que forma os corpos brincantes se expressam e experimentam na festa, que corpos são produzidos nesse espaço ritual, assim como os significados produzidos no momento de suas performances caminhantes. A pesquisa que aqui se apresenta caminha pela trilha que compreende o corpo como parte da festa.

Assim, o corpo em questão ao se deslocar emprega qualidades que não se relacionam apenas ao espaço físico, mas sim, numa perspectiva mais ampla, nas intenções que levam esse corpo a se mover e se deixar mover. Neste sentido, colocam-se também em análise as formas de criação de paisagens nômades festivas, que fazem germinar e expandir a vida em toda sua potência. Acerca dessa existência inventiva e provisória, a caminhada é inserida na discussão por fazer parte de uma idéia que a compreende como um conceito movente, que visa à promoção de encontros e acontecimentos que são ressaltadas neste artigo.

Utilizamos o termo corpo brincante no sentido empregado pelo pesquisador Oswald Barroso (2004, p. 85) que contribui ao dizer que o brincante “rigorosamente, não se apresenta, nem representa, simplesmente, [...] brinca. Brinca-se no sentido de que os brincantes apenas se divertem”. No caso específico do boi maranhense, dado a sua proximidade com práticas religiosas e devido ao pagamento de promessas, a diversão é acrescida do sentimento de devoção como experiência estética e possibilidade de existência. Todos estes aspectos estão ligados à ludicidade e ao prazer que emanam do ato de jogar, unindo fé, festa e cena num ritual de uma riqueza muito singular, fazendo da festa e religião práticas indissociáveis.

Deve-se ressaltar aqui que não estamos tratando de um corpo brincante idealizado, mas sim dentro de uma perspectiva que acredita na multiplicidade de corpos brincantes existentes que, com suas performances moventes, anunciam seus saberes e práticas de forma diferenciada. Nesse cenário ao ar livre e embalado pelo cortejo, o corpo brincante vai percorrendo a avenida com uma força propulsora capaz de atravessar as novas paisagens que vão sendo desenhadas.

---

<sup>12</sup> Etnografia realizada nos anos de 2014 e 2015.

Portanto, nessa caminhada de passagens, o cortejo é um movimento acumulador de experiências de outras ações errantes que são somas de memórias carregadas de resistência, fé e força.

A configuração da festa de São Marçal ocorre, como já aludido, em formato de cortejo, os brincantes se deslocam pelo corredor da avenida que mede de 300 a 400 metros e, na maioria das vezes, o percurso tem duração aproximada de 3 ou 4 horas, devido à grande quantidade de pessoas (brincantes e público) que acompanha a festa<sup>13</sup>. Acerca desse grande intervalo de tempo, não é um dado que interfere na fé e diversão dos brincantes. Os corpos reunidos, juntos uns aos outros parecem oferecer uma força relutante, que somados passam a ser um só corpo que caminha em direção a outras representações que são encontradas neste cenário errante.

A respeito da compreensão da caminhada como possibilidades de criação, Miguel de Santa Brígida ao pesquisar sobre os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, observa que:

As narrativas que caminham, se deslocam, passam aos nossos olhos, trabalhando simbolicamente o tempo e o espaço, constroem espetacularidade singulares [...]. Não podemos esquecer que as narrativas de rua traduzem em suas práticas e poéticas não só uma questão estética, mas também uma ética, uma moral e uma política, enfim, uma maneira de viver em sociedade (2008, p. 41).

Desse modo, o cortejo revela uma maneira diferenciada de festejar. O deslocamento, apesar de possuir um trajeto retilíneo, característico da configuração espacial do João Paulo, apresenta muitas curvas e passagens inventivas, poéticas e espetaculares, mobilizando outras instâncias simbólicas. A condição movente garante aos praticantes o compartilhamento de vivências, a atualização e efetivação de outras. Ainda segundo Miguel de Santa de Brígida, a caminhada surge como campo de interações artísticas, jogos e possibilidades de cena e “revela-se, então, como um estilo especial da espetacularidade popular brasileira” (2008, p.2). Como potência analítica, poética e discursiva, a caminhada, no contexto estudado, assume também uma dimensão espetacular na festa.

---

<sup>13</sup> Estima-se a presença de mais 200 mil pessoas na festa.



Imagem 03: Início do cortejo.

Fonte: Danielle Fonsêca. São Luis, junho de 2015.

Acerca da organização da festa, a ordem de entrada dos Bois na avenida é previamente acordada em reunião anterior, uma equipe composta por moradores do bairro se encarrega de organizar a festa. A disposição dos grupos se realiza em sequência, um após o outro, com certa distância do Boi anterior, para que não haja nenhum tipo de interferência que possa atrapalhar o desfile em curso.

Na passagem pela avenida, cada Bumba boi ocupa o espaço de forma singular, levando para a avenida combinações de movimento, dança, afeto, interação e deslocamento que acabam transformando a passagem do grupo em um território simbólico carregado de memórias e identidades que são reinventadas durante a festa. Produções que, no momento do cortejo, não são definitivas, pois estabelecem novas temporalidades e paisagens, para além do destino físico como o ponto de chegada.

Outro agenciamento da festa, diz respeito à ajuda técnica para o desfile. Os grupos de Bois contam com um carro de som alugado – muitas vezes custeado pelo próprio grupo ou por algum político – equipado com microfones e demais aparatos sonoros. Atrás do carro, vem uma armação improvisada que comporta uma fogueira móvel, uma espécie de gambiarra que é montada para que o fogo fique acessível, sempre que o pandeirão de couro precise ser afinado<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Sua afinação ocorre com o calor do fogo, o couro aquecido estica, fazendo com o que instrumento se torne apto para ser manuseado.



Imagem 04: Brincante aquecendo o pandeirão de couro.  
Fonte: Danielle Fonsêca. São Luis, junho de 2015.

O modo como o brincante se mostra na festa está relacionado às diversas formas que mobilizam e vetorizam seu corpo, criando gestos, danças, passos e movimentações que correspondem a intenções e atitudes variadas, que ele vai experimentando ao longo do trajeto festivo. No entanto, o que se observa no cortejo são duas possibilidades que despontam como as mais visíveis, dentre à imensa diversidade de estímulos. Em tais práticas, observamos que o brincante ao participar da festa se movimenta numa constante ambivalência entre a vivência devocional e o gozo profano da ingestão de bebida alcoólica (FONSÊCA, 2015).

As duas dimensões de sentidos distintos explicitam as situações e o modo como o brincante ocupa a cena festiva de acordo com os caminhos que levam a expressar sua fé, assim como degustar um gole de cachaça. O que se observa na avenida é que essas duas variantes sozinhas ou combinadas contribuem, a sua maneira, para a dinâmica de São Marçal.

Nesta circunstância, a performance do brincante evidencia os circuitos da festa e os fluxos de energia que são experimentados. Para que se entenda melhor esta questão, destacamos a fé juntamente com a cachaça como indicadores de geração de múltiplos estados corporais. É possível notar que as visualidades apresentadas são revezadas e acabam por produzir movimentos diferenciados, paradas e caminhadas não padronizadas que vão demarcando as trilhas festivas.



Os corpos embriagados, de fé e cachaça, são produtores de cenas espetaculares e que se revelam como um lugar privilegiado para se pensar como o corpo se faz caminhar na festa. Pode-se dizer que há inúmeras situações desafiadoras para o corpo, como o ritmo lento da passada acompanhada da exposição solar muito intensa. Neste contexto, sede, fome e cansaço despontam como facilitadores de momentos de vivências singulares.

Importa registrar que a devoção é um sentimento fortemente presente na estrutura simbólica do Encontro. A manifestação de fé na festa, assim como no próprio grupo, são mapas devocionais nos quais se localizam uma diversidade de práticas religiosas, que envolvem catolicismo, encantaria, tambor de mina e outras crenças. Nesse caso, o Encontro de Bois se manifesta como acontecimento que aciona promessas, evocando pedidos, agradecimentos e atitudes de respeito a São Marçal. Esses posicionamentos colocam como o sentimento religioso dos brincantes é concebido no Encontro, principalmente os praticados em segredo, intimamente, mas revelados pelo corpo que renova a devoção e a afetividade por São Marçal.

Um agenciamento, em especial, representa a presença da prática católica na festa e se destaca como um episódio muito particular do Encontro e tem a ver com a participação do padre Haroldo. E assim acontece já tem uns anos. O padre inicia a festa, por volta das 06h da manhã, com uma pequena missa, saudando o encontro e proferindo bênçãos para que a festa seja tranquila e repleta de muita fé e diversão. A participação do padre reflete e oportuniza outras formas de significação da festa, como o papel do catolicismo na continuidade e geração de novos modelos devocionais, tal qual dos processos de organização do ritual festivo. Considerando que a presença do padre é recente na ambientação do Encontro e atualmente já é vista como elemento constitutivo da festa. Essas modificações ampliam o entendimento da participação de atores sociais diversos, acabando por gerar hibridismos na paisagem festiva do Encontro.

A ambiência festiva de São Marçal possibilita um maior acesso e consumo de bebida alcoólica entre os brincantes. Geralmente, a bebida quente, como a cachaça, é vista como a preferida entre eles – por ser de baixo custo e de alto teor etílico. Nesse contexto, a bebida é considerada um vínculo poderoso que abre caminhos para a aproximação do brincante com o público. Dentre tantas cenas, flagramos um episódio que pode ilustrar essa situação, em que o brincante pedia dinheiro para comprar cachaça.



Imagem 05: Brincante de Pai Francisco pedindo dinheiro.  
Fonte: Danielle Fonsêca. São Luis, junho de 2015.

É importante destacar que a configuração da festa não faz distinção entre brincantes e público, vários tipos de agenciamentos transitam por São Marçal, desde troca de olhares mais atentos até o contato com outros corpos. Na cena da rua, o brincante se comporta como um integrante disponível para o jogo ao longo da avenida. Portanto, o deslocamento se apresenta como um convite para o corpo se tornar passagem para outros corpos. Um chamamento para a cena.

O caráter espetacular do cortejo com as suas diversas formas de interação e produção simbólica e estética, aponta para a festa de São Marçal como momento significativo de construção e efetivação de uma sociabilidade bem específica, já atestada em trechos deste artigo. Há aqueles que desfilam, aqueles que observam sem locomoção, outros acompanham, independente da intenção e prática festiva, todos integram a festa.

Por fim, as cenas descritas apresentam recortes de uma cartografia da festa, que devido a sua amplitude e dimensões ganha, a cada ano, novas paisagens, detalhes e contornos. Portanto, novas formas de conhecer e interagir na festa são experimentadas, resultando num lugar privilegiado para análise da sociedade e dos grupos em situação festiva.



## Considerações finais

Nesta caminhada de pesquisar a festa de São Marçal e seus desdobramentos expressivos, como a performance do brincante, foi percorrido um longo, complexo e potente trajeto em direção à compreensão dos saberes, modos e sentidos que são continuamente investidos na ambientação festiva, sobretudo no que tange a história acumulada e que se reinventa a cada instante como territórios de continuidade, valorização e recriação do bumba meu boi.

A caminhada do brincante na festa de São Marçal foi o pensamento que guiou a proposição deste artigo, sobretudo os aspectos que envolvem a sua performance no momento do deslocamento. Outro propósito foi de apresentar alguns detalhes do que foi visto na festa e a partir disto compreendemos que o brincante e sua caminhada ganham amplitudes consideráveis no decorrer da festa, revelando uma possibilidade riquíssima de investigação. Esse fato é decorrente das ações e mobilizações que o brincante desenvolve, ao longo de anos de experimentações, ao se dispor para a feitura da brincadeira e para participar da festa.

Buscamos enfatizar nesta escrita a abordagem do espaço festivo de São Marçal a partir dos seus aspectos relacionados à sua história, bem como os aspectos estéticos e culturais dos grupos de Bumba meu boi do sotaque de matraca. Por conseguinte, essas questões foram discutidas no intuito de compreender a relação desse sotaque com a festa e quais são as produções que surgem a partir deste encontro. Tais práticas fizeram do Encontro de Bois a celebração da cultura boieira, marcada por contrastes e desafios sofridos pelos brincantes que vêm no Boi a possibilidade de praticar sua fé, colocando em destaque as expressões artísticas e religiosas presentes na brincadeira como momentos que são partilhados pelos grupos de Bois e pela sociedade maranhense.

Ano após ano, o Boi se reinventa, criando novas poéticas e resignificando outras. A esse respeito, observamos como a multiplicidade de processos de criação desenvolvida no momento da caminhada revela uma cartografia singular e rica de dimensões analíticas. Neste caso, a festa foi compreendida como espaço no qual o brincante cria e se reelabora a todo instante, executando ações e improvisando no decorrer de sua performance, resultando assim em uma tessitura gestual muito singular e potente.

O tratamento adotado visou ao direcionamento da escrita para reflexões acerca da manifestação como expressão cultural e identitária maranhense, incluindo no texto a discussão dos processos de enfiamento dos brincantes como resposta às proibições que existiram por

longas décadas. O panorama descrito tem relação direta com o surgimento do Encontro de Bois no bairro do João Paulo, o que levou ao entendimento da condição espacial como fator relevante a ser explorada, sobretudo, por apresentar o João Paulo como territorialidade que simboliza a resistência e a luta dos brincantes frente a uma conjuntura social que os reprimia fortemente.

Propusemo-nos a compreender o João Paulo como espaço negociável e tenso entre diferentes agentes, fazendo com que campos de tensões se instaurassem na dinâmica boieira, revelando as estratégias criadas pelos brincantes para a sobrevivência da brincadeira, assim como perceber a própria dimensão movente da festa.

Encerramos, por hora, sem pretensões conclusivas, pois entendemos que pesquisar é um ato em constante movimento, de voltar e rever o percurso já descrito e proposto. Portanto, oferecemos um panorama movente da festa de São Marçal, que se comprometeu a refletir como o encontro de Bois oportuniza os mais diversos olhares, capazes de revelar nuances das produções simbólicas e estéticas presentes nessa estrutura festiva complexa, bem como as elaborações contidas no Boi do sotaque de matraca.

## Referências

ALBERNAZ, Lady Selma. **O “urrou” do boi em Atenas:** instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BARROSO, Oswaldo. **Incorporação e memória na performance do ator brincante.** In: Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. TEIXEIRA, João Gabriel L.C., et al (org.). Brasília: ICS- UNB, 2004. Pág. 68 a 87.

BARROS, Antônio Evaldo Almeida. **O pantheon encantado:** culturas e heranças étnicas na formação de identidade maranhense. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia, 2007.

BRÍGIDA, Miguel Santa. **O auto do Círio:** festa, fé e espetacularidade. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 5, n1, Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/download/12596/9777>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

FERRETTI, Sérgio. **Preconceitos e proibições contra religiões e festas populares no Maranhão.** Disponível em <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Preconceitos.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2015.


FONSÊCA, Danielle de Jesus de Souza. **Tem mascarado na festa de São Marçal:** o brincante de Pai Francisco no Bumba meu boi em São Luís-MA. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, 2015.

LIGIÉRO, Zeca. **O conceito de “motrizes culturais” aplicado às praticas performativas afro-brasileiras.** Revista Pós Ciências Sociais. v. 8 n. 16 São Luis/MA, 2011.

MARTINS, Leda. **Performance do tempo espiralar.** In. RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia (org.). Performance, exílio e fronteiras. Belo Horizonte, 2002, pp 69-91.

MARTINS, Paulo de Tasso Alves. **A construção dialética do Encontro de bumba meu boi de matraca no Caminho Grande - João Paulo “Festa de São Marçal”**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal do Maranhão, 2007.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. **Catirina, o boi e sua vizinhança: elementos da performance dos folguedos populares como referência para os processos de formação do ator**. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, 2006.



Recebido em 22/05/2017  
Aprovado em 10/06/2017  
Publicado em 15/09/2017